



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE**

**UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA
O ENSINO DE ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL
ABORDANDO OS CINCO CAMPOS DE EXPERIÊNCIA DA BNCC**

VERONICA PAZ ARAÚJO PAIVA

Brasília, DF, 19 de abril de 2022.

**UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA
O ENSINO DE ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL
ABORDANDO OS CINCO CAMPOS DE EXPERIÊNCIA DA BNCC**

Veronica Paz Araújo Paiva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado,
como requisito final para obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia da Faculdade de
Educação da Universidade de Brasília, sob a
orientação do professor Dr. Paulo Sérgio de
Andrade Bareicha.

Brasília, DF, 19 de abril de 2022.

**UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA
O ENSINO DE ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL
ABORDANDO OS CINCO CAMPOS DE EXPERIÊNCIA DA BNCC**

Veronica Paz Araújo Paiva

Brasília, DF, 19 de abril de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha
UnB

Professora Doutora Patrícia Lima Martins Pederiva
UnB

Professor Doutor Lúcio França Teles
UnB

AGRADECIMENTOS

A Deus pela minha vida e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

Aos meus pais e a minha família, esposo e filhas, por me incentivarem nos momentos mais difíceis e compreenderem o motivo da minha ausência, enquanto eu me dedicava a realização deste trabalho.

Aos professores pelas correções e ensinamentos, que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional, especialmente aqui representados pelo Professor Doutor. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha.

SUMÁRIO

Introdução	4
1. Memorial formativo	6
A arte de contar história	12
2. Educação infantil	27
2.1. Conceito de criança e infância	27
2.2. Concepções históricas da educação infantil	29
2.3. A educação infantil nos documentos legais e atuais	33
3. Pedagogia	35
3.1. Porquê a pedagogia?	35
3.2. A pedagogia no século XXI	35
4. A arte e educação	38
4.1. Contexto histórico da arte no Brasil	38
4.2. A arte na educação infantil	38
5. Arte na BNCC	41
5.1. Organização da didática de aprendizagem em artes	41
5.2. Fatores que contribuem para o desenvolvimento de criança no ensino de arte segundo a BNCC	42
6. Proposta pedagógica	44
6.1 Aula I	45
6.2 Aula II	45
6.3 Aula III	46
6.4 Aula IV	46
6.5 Aula V	47
Conclusão	48
Perspectivas futuras	49
Homenagem ao que meus pais mais amavam (A vida no campo)	50

Introdução

Trabalho de conclusão de curso de formação em Pedagogia da Universidade de Brasília - UnB, como uma proposta pedagógica para o ensino de artes na educação infantil, abordando os cinco campos de experiência propostos pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC.

Cada região do País ou do mundo possui suas próprias características, assim como a história da infância. Segundo Vygotsky, o meio social é determinante no desenvolvimento humano.

Vygotski (2009) *apud* Martinez (2013), a consciência da criança surge no meio social e cultural. A brincadeira com os sons surge da necessidade da criança de estar no mundo, de comunicar-se e de compreender o meio que a circunda. É a necessidade, em cada atividade, que move o pensamento, isso contribui para o desenvolvimento sonoro musical da criança no contexto histórico-cultural em que está inserida.

A legislação vigente para o ensino das artes na escola, em relação aos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, a BNCC amplia as possibilidades de experiências com as artes. Os PCNs trouxeram uma reflexão importante sobre o significado de arte na educação, sendo responsáveis pelo reconhecimento da dança, da música e do teatro como linguagens que têm sua própria gama de conhecimentos específicos. A BNCC vai além e sugere caminhos para ampliar o acesso dos alunos às experiências estéticas nas aulas de artes, colocando todas as crianças e jovens como protagonistas, que por sua vez podem expressar seus sentimentos e sua criatividade por meio do processo artístico.

O professor precisa ter ciência de que ensinar é sempre um risco. Ao propor uma intervenção pedagógica a criança pode aceitar ou não se interessar. Nesse contexto, precisamos estar atentos aos sinais que as crianças nos passam e ter sempre uma segunda opção para propor porque ensinar é uma via de mão dupla, pois não só o aluno aprende mais ambos, o professor e o aluno compartilham o aprendizado.

No capítulo um fazemos a exposição do memorial educativo relatando as aprendizagens e experiências vividas por meio das tradições e da cultura popular. No segundo capítulo abordamos a educação infantil, que busca realizar um recorte dos principais conceitos de infância e da história da infância no Brasil, passando pelos documentos legais que dão legitimidade à inserção da educação infantil na educação básica. No terceiro capítulo a pedagogia se faz necessária ao fazermos indagações sobre o “Porquê da pedagogia?”, promovendo reflexões da pedagogia para o século XXI. No quarto capítulo discorreremos sobre a arte e educação numa perspectiva de contexto histórico, assim como a arte na educação infantil

arte e educação numa perspectiva de contexto histórico, assim como a arte na educação infantil. No quinto capítulo promovemos uma reflexão sobre a arte na BNCC, com a respectiva

5

organização didática para o ensino da arte na educação infantil e os fatores que contribuem para o desenvolvimento de crianças em seu contexto histórico, sem olvidar os desafios para a pedagogia no século XXI, consoante a importância do ensino de artes de acordo com a BNCC. Por fim, no sexto e último capítulo apresentamos a intervenção pedagógica com cinco planos de aulas, sendo um para cada campo de experiência da educação infantil, nos moldes do que preconiza a BNCC. Logo, a presente exposição visa contribuir para com o trabalho de professores em suas práticas pedagógicas na construção de planos de aulas, abordando a música como um dos componentes curriculares.

Diante dessas considerações, podemos dizer que as crianças são seres musicais e artísticos? É fato que diversas culturas usam a arte como forma de promover o aprendizado e o desenvolvimento de sua comunidade, a exemplo da cultura indígena, que usa a dança e a música para ensinar quase tudo de sua cultura e, desse modo, a memória da arte termina sendo passada de geração para geração, caracterizando assim uma forma de aprendizagem e desenvolvimento de seu povo.

1. Memorial formativo

O memorial formativo consiste basicamente em descrever e/ou escrever algo sobre si mesmo, oportunidade que se descobre o quanto não é uma tarefa fácil, em especial quando se faz necessário rememorar eventos autobiográficos que são partes integrantes da essência, da formação do caráter e da construção moral da pessoa que nos tornamos. Assim, a partir dessa premissa resolvemos contar um pouco de nossa própria história, em conformidade com o conceito dito por Prado e Soligo (2007) *apud* Buogo e Castro (2013), abaixo descrito:

“O memorial formativo é um texto no qual os acontecimentos geralmente são narrados na primeira pessoa do singular, com uma sequência definida com base nas memórias e nas escolhas do autor no registro da própria experiência e visando, como todo texto escrito, produzir certos efeitos nos leitores (Prado e Soligo, 2007). Ou seja, num memorial de formação, o autor é ao mesmo tempo escritor/narrador/personagem da história.” (Prado e Soligo, 2007 apud Buogo e Castro, 2013).



Cheguei ao mundo para ocupar a décima terceira posição de uma numerosa família de 20 (vinte) membros, considerando que éramos 18 (dezoito) irmãos, mais o meu pai e a minha mãe. Em relação aos filhos, erámos 12 (doze) do sexo masculino e 6 (seis) do sexo feminino. Nasci no dia 27 de janeiro de 1973, na cidade de Campo Maior, no Estado do Piauí. A minha família sempre foi muito amorosa, dotada de inúmeras tradições religiosas e culturais, tudo isso repassado e ensinado pelos nossos pais, sem desconsiderar os valores pautados no respeito ao próximo, com riqueza de caráter e honestidade. Na foto acima estou no colo da mãe. Depois

desta foto nasceram mais dois filhos, porém, posteriormente, não foi mais possível reunir

7

completamente todos os filhos com nossos pais num novo registro fotográfico, apesar de termos conseguido reunir a maioria por ocasião das Bodas de Diamante, nos 60 anos de casamento deles.



Logo, a minha proposição é simplesmente realizar um “bate bola” para melhor conhecimento de algumas características pessoais, em que pese esses dados não significarem ou terem muita relevância acadêmica ou mesmo científico, pois entendo que culturalmente são valorizados por mim, enquanto parte da minha construção pedagógica.

Dessa maneira, começo dizendo que sou do signo de aquário, apelidada na família por Vera e pelo meu pai de Verinha, isto posto porque sou a caçula das filhas mulheres. Sou católica, porque seguia os passos da minha mãe, sendo ela frequentadora assídua da igreja e das solenidades religiosas, consoante porque também é a religião que me deixa confortável para a prática do catolicismo, que sigo desde cedo e que não pretendo mudar.

Atualmente, ano de 2022, sou formada em Educação Física pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, tenho 49 anos, casada há 28 anos com Paulinelly Paiva, de 48 anos, militar de carreira do Exército Brasileiro, formado em Direito pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, ora também concludente do curso de Licenciatura em Letras Português pela Universidade de Brasília - UnB. Temos duas maravilhosas filhas, a Vanessa, de 23 anos, que cursa Ciência da Computação e a Andressa, de 18 anos, que acabou de ingressar em Direito, ambas também estudam na UnB.

Não sou uma pessoa muito alta, pois tenho apenas 1,61m de altura. Sou mestiça fruto de uma rica miscigenação familiar, que vai da mistura de raças negra, indígena e branca, que resultou numa perfeita mistura tipo caramelo, com cabelos castanhos e ondulados, não obstante uma configuração presente em boa parte da população brasileira. Minha tipagem sanguínea é A +, e atualmente utilizo manequim nº 40 e sapato nº 37. Em casa não possuímos animal de estimação, mas gostaria de ter uma tartaruguinha, legalmente autorizada, é claro! (risos).

Não gosto de injustiças, principalmente quando esta acontece comigo. Não torço

para nenhum time de futebol, a não ser para a Seleção Brasileira em épocas de campeonatos

8

mundiais. Adoro cinema e ouvir *playlists* de músicas religiosas e/ou românticas, em particular as músicas da época da minha juventude. O momento em que costumo ouvir as canções favoritas é quando estou desenvolvendo alguma atividade em casa ou fazendo caminhadas no parque. Nesse contexto, trago comigo alguns rituais religiosos, que aprendi com minha mãe, perpetuados desde a mais tenra infância.

Em 1980, aos sete anos de idade, ingressei na primeira série do ensino fundamental. Lembro-me nitidamente da primeira escola e da primeira professora. Era uma escola rural, que tinha uma única sala de aula composta de séries mistas, separadas apenas por um vão entre as fileiras de cadeiras, sendo o conteúdo era separado por uma linha no quadro negro.

Os professores daquela época tinham realmente que ter “jogo de cintura”, pois não era nada fácil ministrar aulas para alunos com faixa etária diferenciada. A educação era a tradicional, o método de reprodução e repetição era repassado a partir de cartilhas, recurso didático utilizado para auxiliar nas aulas de alfabetização.

Nesse contexto, vou contar a história por trás do meu nome. Ocorre que quando vemos uma mulher grávida, a primeira coisa que vem em mente é o nome da criança. É quando as pessoas questionam a futura mamãe: Você já escolheu o nome para a criança? Escolher o nome do bebê é uma das principais preocupações dos pais, que por sua vez procuram inspiração em novelas, filmes e/ou até resolvem prestar homenagem a algum parente, sem contar ainda com uma infinidade de nomes dados pela admiração a alguma figura pública ou por devoção religiosa.

Assim, minha mãe contava que desejava ter uma filha com o nome Veronica desde a sua 11ª gravidez. Nesse momento ela ficou grávida da minha irmã. O nome Veronica era muito importante para ela, pois tinha um simbolismo religioso muito forte, já que segundo as tradições católicas se tratava da mulher que enxugou o rosto de Jesus Cristo no caminho do calvário. Grávida, minha mãe deu a criança para sua irmã ser madrinha e, ao nascer, ela pediu a preferência para escolher o nome da criança, pois também era um costume regional da madrinha escolher o nome. Minha tia disse que se fosse menina daria seu próprio nome de batismo, sendo que ela se chamava Maria do Socorro. Enfim, minha irmã depois do nascimento foi registrada com o nome da minha tia.

Mais uma vez minha mãe engravidou, agora era a 12ª criança, e mais uma vez pensou em colocar o nome de Verônica se fosse menina, porém a sua outra irmã pediu a criança para ser madrinha, tendo em vista que mãe já havia presenteado uma irmã com o apadrinhamento, ela também queria e não faria diferente, pois também gostaria de escolher o nome. Assim aconteceu. Minha mãe consentiu e mais uma vez nasceu uma menina e ela foi

chamada de Lucileide, por escolha de minha tia.

9

Minha mãe então pediu ao Nosso Senhor Jesus Cristo que a agraciasse com mais gravidez de menina, sendo que desta vez só daria em batismo após o nascimento e depois de registrar com o nome de Verônica. Aconteceu que após três anos de espera estava grávida novamente. Essa era a sua 13ª gestação. Ao nascer uma menina era tamanha sua alegria, já que finalmente realizaria um sonho. A tão esperada Verônica finalmente existia. Era eu.



Créditos da imagem à Comunidade Católica Shalom

A partir de então a minha mãe teve mais cinco gravidez e todas as crianças foram do sexo masculino. Assim, Verônica foi a mulher que enxugou o rosto de Jesus no caminho para o calvário, durante a via sacra, na sexta estação, ritual religioso que vivenciamos todos os anos, na véspera da Semana Santa. Ao secar o rosto de Jesus, Verônica percebe que as manchas de sangue no pano retratavam a imagem de um rosto, o de Jesus.

Um fato curioso sobre o nome é que Verônica se escreve sem o acento circunflexo na letra “o”, por um descuido do escrivão do cartório, que esqueceu de acentuar na hora de lavar o livro de registro.

No prosseguimento deste caminho, quando pequena e, ainda antes de frequentar os bancos escolares, minha mãe já costumava estimular os filhos em casa para a iniciação dos primeiros rabiscos e letras. Ela contava que ao aprender a escrever o meu nome, percebeu como eu já dava sinais de que ia gostar de estudar, pois bastava escrever o meu nome uma única vez e me entregar o caderno que eu ficava ali no cantinho e só parava quando escrevia o caderno inteiro. Se ela não pegasse de minhas mãos, eu só parava quando preenchia a última linha. Dizia ela.

Para falar da numerosa família tenho que deixar claro que nem sempre vivíamos todos juntos na mesma casa e ao mesmo tempo, pois seria um desafio dos deuses afinal, foram 18 filhos (risos).

Até os 10 anos de idade, morei no Canto do Periquito, era um povoado simples, no município de Campo Maior, no Estado do Piauí. Era o melhor lugar do mundo! Apesar de que

município de Campo Maior, no Estado do Piauí. Era o melhor lugar do mundo: Apesar de que hoje, acharia impossível viver num lugar daqueles, sem energia elétrica, água encanada, sem

10

asfalto e com muito mato em volta. Era em Campo Maior que nos apoiávamos nas necessidades que uma cidade proporciona. Lá era o lugar onde se registrava os filhos, se dava as vacinas, fazíamos compras dos produtos que a lavoura não dava, íamos a igreja, enfim íamos buscar tudo que necessitamos de uma cidade.

Nosso pedaço de chão não era grande no sentido que não moravam muitas pessoas, eram cinco núcleos de casas e o primeiro ficava às margens da BR, a rodovia que nos levava à civilização. Quando se tem boas experiências, o lugar fica como uma marca indelével na memória, no âmago de nosso ser. Tudo isso faz parte de nós, pois na minha casa pude viver as mais fantásticas experiências que se pode proporcionar a uma criança. Aquilo sim, era vida plena. O primeiro núcleo de moradores composto por umas dez casas, entre elas a quitanda conjugada com um armarinho, pois lembro quando minha mãe comprava linhas e agulhas para a sua velha máquina de costura; o bar, uma casa de festa e outras moradias.

Dali, seguindo uma estrada bem larga de areia branca, um pouco distante, chegava no segundo núcleo, onde se concentrava a escola, o poço artesiano que nos abastecia com água potável, a casa da professora e mais algumas outras moradias. Ali, ao se passar uma porteira, e seguindo a estrada, mais adiante havia uma bifurcação onde ela se dividia como um “Y”, indo para a esquerda se chegava no nosso cantinho e seguindo para a direita íamos para a casa outras pessoas, inclusive a Dona Maria José, uma senhora bem alta e forte que vendia bolos. Ela costumava aparecer com uma cesta cheia de bolos já cortados em pedaços menores. Era assim que ela fazia seu comércio, sempre no final da tarde, onde as famílias compravam bolos para o café da manhã ou mesmo para a ceia noturna. Na região não se tinha dinheiro com frequência e o comércio se sustentava através da anotação no caderno, onde anotava-se as dívidas para posterior acerto de contas.



Ao pegar o caminho da esquerda, a estrada se tornava mais estreita, e por dele chegaríamos em casa. Na frente uma enorme área de pedrinhas marron, meio avermelhadas, onde brincávamos nas noites de luar. especialmente quando nossos pais e os vizinhos sentavam

para prosear. Eram brincadeiras de roda embaladas das cantigas tradicionais como: De rica fiquei

11

pobre de marré; Samba lê lê; Fui na Espanha; O chefe mandou; Pique esconde, Pega bandeira; Chuta lata; Queimado; entre outras.

Descrevendo a casa, bem no início, tinha um salão bem grande onde meus pais recebiam as visitas, os compadres e comadres sempre acompanhado de um bom papo e um cafezinho, Uns três cômodos que serviam de paiol para guardar os alimentos fruto das colheitas da lavoura onde eram guardados para durar o ano inteiro, uma sala de janta, cozinha e cinco quartos de dormir. Um era dos rapazes maiores e outro dos meninos menores, um para as moças, o quarto dos meus pais e um quarto reservado, pois sempre tinha uma irmã ou irmão que já com sua vida independente, vinha nos visitar. Vez ou outra, as visitas não eram tão íntimas e prazerosas, mas, de pessoas procurando meus pais pois eles eram utilidades pública. (risos) Utilidade pública porque meu pai aplicava injeção em quem estava enfermo e precisando, ele tinha uma maletinha preta quadrada, onde guardava o aparelho de injeção. Era de vidro e ficava num estojo de alumínio, não era descartável e, sempre que ia usar, primeiramente colocava numa panela para ferver. Mas, não era só isso, quando alguém morria, era meu pai quem ia pegar o caixão na cidade, ninguém se atrevia porque geralmente era noite e o povo tinha “medo” do falecido.

Minha mãe era servidora dos doentes, era a que rezava terço nos velórios, recebeu a benção do Bispo para dar a comunhão às pessoas enfermas que não podiam ir à igreja, ou que já estavam beirando a morte e, ainda para fazer batizados em alguma criança que morrera sem o sacramento do Batismo, ou seja, as crianças pagãs.

Naquela época, não tinha telefone e a cidade era longe e nem mesmo sabia se algum padre ia estar disponível porque não tinha muitos na cidade então, eles delegam essas responsabilidades aos moradores que faziam jus a tal cargo.

Lembrando que esses serviços eram prestados gratuitamente e na época era um prazer servir ao próximo.

Vizinha à nossa casa morava a Dona Josefa, uma senhora idosa, de estatura baixa e que contrastava com seu esposo o senhor José Franco que era bem alto, muito alto. A tia Josefa, como a chamávamos, respeitosamente e carinhosamente gostava de contar histórias para a meninada. Geralmente, em noites sem luar, e, como diziam os antigos, era tão escuro de meter dedo no olho e o cabra não ver, pois, suas histórias eram de arrepiar de medo. Esta velha senhora não tinha filhos e ajudava minha mãe nos tantos que Jesus lhe presenteou.

Ajudava mas também se beneficiava porque o tempo todo ela pedia uma criança emprestada. Ia puxar fio, pegava um menino emprestado, ia procurar guabiraba, pegava um menino emprestado, ia procurar lenha, pegava um menino emprestado. Eu costumava ir com ela

procurar guabiraba, fruta silvestre da região. Pequenina, amarela quando madura é uma gostosura só. Hummm!

Quando já na idade escolar, eu e meus irmãos íamos sozinhos à escola. Era por volta de seis ou sete crianças. Uma turminha boa que faziam companhia uns aos outros na ida e na volta da escola. Um belo dia, quando voltávamos, todos felizes pelo caminho e já na reta final, enfileirados à beira do caminho, alguém gritou olha a cobra! Pronto, foi o suficiente para causar aquele rebuliço, era um correndo pra cá, outro correndo pra lá, mas nada tão hilário quanto o meu irmão Edilson. O garoto correu de forma tão desesperadora pelo caminho em direção à nossa casa que ainda de longe minha mãe ouviu seus gritos chamando-a num tom de tanto medo que ela largou tudo e até mesmo as crianças menores e saiu em socorro ao filho que gritava no caminho sem saber do que se tratava, ao encontrá-lo, este não conseguiu da uma única palavra para explicar o ocorrido e já quase sem fala, segundo os mais velhos, quando a criança se encontra numa situação dessas, o que se deve fazer é, soprar na moleira quando ainda pequeno ou no caso do meu irmão, já grandinho, jogar-lhe água no rosto pois assim ele volta a si.

Quando nos aproximamos, conta minha mãe, que ela o encontrou sem nenhum material da escola, tinha perdido tudo e, só não perdeu a bermuda porque conseguiu enfiar o dedo indicador no cós e assim não deixou que esta caísse. Se tinha realmente uma cobra? Não sei ou se não passou de uma brincadeira das crianças maiores mas, se não era nada, esse brincalhão não teve como falar a verdade, deve ter ficado envergonhado da confusão que causou.

A arte de contar história

Ainda muito pequena

Nas noites de luar

Já era tradição, sempre ouvi falar.

Dona Josefa, histórias ia nos contar.

Ainda lembro-me da cena,

Sentada num tamborete

E ao seu redor, amontoado de gente,

Ansiosas para ouvir histórias.

Eram estórias de meter medo,

Meter medo em crianças



E, quando voltávamos para casa,

13

Agarradas umas nas outra que mal podíamos andar

E sempre tinha um malvado

Que aproveitava a face escura da noite

Escondia-se no meio do mato

Soltava um gemido, e todos corríamos!

Corríamos com medo

Medo do que? Não sabíamos

Mas, que ia nos pegar.

Relembrando as tradições familiares, relato a passagem do Dia de Finados na minha infância.

Todos os anos, no dia 2 de novembro, data em que tradicionalmente as pessoas costumam visitar cemitérios e acender velas como forma de cultuar e perpetuar as lembranças dos entes queridos e amigos já falecidos. A nossa família não era diferente. E, no dia de finados lá estávamos todos no cemitério fazendo nossas orações e acendendo as velas apesar de só ter meu avô materno e uma irmã da minha avó também materna enterrados lá, meus pais acendiam velas em quase todas as sepulturas por consideração a amizade dos que já se foram, e, tinha uma velha senhora que morava ao lado do cemitério e eu ficava imaginando como uma pessoa pode fazer uma casa colada ao muro do cemitério? Era de arrepiar de medo. Ela morava apenas com seu companheiro e não tinham filhos e como de costume, meus pais passavam lá religiosamente todos os anos após a visita o que resultava no meu sofrimento quase mortal porque aquela velha senhora sempre me pedia a meu pai como se eu fosse um objeto que se doa. A minha compreensão de criança não conseguia entender porque no meio de tantas crianças, ela só tinha olhos para mim e já me esgueirando entre as pernas do meu pai, pois temia que um dia ele fosse vencido pela insistência daquela mulher e me deixasse ali, porém, ele sempre a respondia da seguinte forma: _ ”essa eu não posso deixar pois será ela quem cuidará de mim quando estiver velhinho”.

Aquela declaração me confortava e agarrava com toda força às pernas do meu pai e não o largava até deixarmos aquele lugar.



Deixando o trauma do Dia de Finados, uma tradição muito gostosa de contar, configurando uma aprendizagem, era as farinhadas. Em época de farinha, era outra festança. Os meus irmãos que moravam na cidade costumavam vir para ajudar na produção de farinha já que meu pai costumava fazer sempre em período de férias escolares e os meus irmãos traziam seus amigos que só gostavam da farra porque tinha os banhos de lagoa, andavam a cavalo, as saídas na mata a procura de guabiraba, uma frutinha amarela e redonda de sabor que se assemelha com o da jabuticaba, tinha as festas noturnas além da comilança. Eles estavam todos curiosos para conhecer tudo. Alguns já eram velhos companheiros.

Ainda escuro, antes mesmo de o galo cantar, meu pai já saía com seus vizinhos para a arranca da mandioca. Eram seus vizinhos e amigos porque naquela época tudo era compartilhado, todos se reuniam para fazer a farinhada de um e quando terminavam, todos se reuniam para fazer do outro.

Ao retornarem na manhã, já vinham carregados de mandioca, despejavam tudo em uma "jirau" nome para uma armação de madeira que costumavam lavar a mandioca quando chegavam pois tinha muita terra. Uma lona espalhada no chão de um galpão já construído para a farinhada e tinha o nome de casa de farinha, com cobertura de palha e a maior parte dele era aberto pois ela ali que todos passariam no mínimo uma semana e precisava de ventilação para o trabalho que na maior parte do tempo era das mulheres pois eram quem ficavam responsáveis por descascar a mandioca.

Após essa parte, a mandioca descascada seria encaminhada novamente para o jirau para ser lavada pois a partir desse momento a mandioca vai para a prensa, onde será triturada. Essa era uma tarefa perigosa e o menino era proibido de chegar perto porque a prensa, se tratava de uma serra muito bem afiada que quem a manuseia era muito bem protegido para não ocorrer nenhum acidente pois os desatentos costumavam ficar sem um dedo ou até mesmo a mão

nenhum acidente pois os acidentes costumavam não ser um caso ou até mesmo a mão.

15

Durante muito tempo houve muito relato de amputações por causa da prensa e só os mais habilidosos se arriscaram no trabalho. Era tão complicado que na produção de farinha, os vizinhos se juntavam para fazer o trabalho em troca do mesmo trabalho quando chegasse a sua vez de fazer farinha, mas, o cara da prensa, este era contratado e recebia dinheiro pelo serviço.

Após a mandioca passar pela prensa, ia para uma peneira gigante onde ficava descansando e tinha uma ajudinha extra que era o trabalho de espremer para sair toda a água. Do líquido que sai, ia para um local protegido de poeira pois ficava quando para separar a borra da goma. Depois de uma noite já podia derramar a água que ficava em cima da gamela e o que sobrava era a goma.

A massa que foi anteriormente espremida, agora seria aquecida no forno de barro com combustível de lenha e mais parecia uma frigideira gigante e tão grande que quem o manuseia precisava de duas pás gigantes que mais pareciam dois remos. O forneiro levava a farinha de um lado a outro daquele imenso forno que mais parecia um balé de tanta sincronia nos movimentos. Quando a farinha já tinha atingido o ponto, o forneiro pegava um punhado e num movimento rápido e certo jogava a farinha na boca sem cair um único grão fora, era a prova para se certificar de quanto estava crocante.

Tinha sempre um momento que atraía a moçada, era a hora de fazer o beiju. Depois de um dia inteiro de trabalho, nada melhor para fechar a noite do que a produção do beiju de coco. A mulherada já com os cocos ralados e alguns pilados no pilão para extrair o leite, chegavam com suas marmitas prontas para fazer o beiju que seria degustado naquele dia e que de certo seria o café da manhã de todos.

Após um banho, os adultos tomavam cachaça e acendiam fogueiras para passar um pedaço da noite pois como vinham pessoas de muito longe para fazer esse trabalho, logo estariam dormindo exaustos e já antevendo que cedinho começava tudo de novo.

Nesses eventos com muita gente, meu pai costumava colocar na engorda desde muito cedo, alguns porcos para servir a alimentação da turma de trabalhadores. E, muito antes do sol nascer e o trabalho recomeçar, meu pai já tinha feito a matança que dava mais ou menos para uns três dias de comilança. Às vezes, o café da manhã já era feito com carne que minha mãe costumava fazer também bem antes do sol raiar.

No percurso das aprendizagens, gosto de relatar quando iniciei as primeiras pedaladas de bicicleta.

Quando ainda criança, tínhamos momento para aprender determinadas coisas, porém, andar de bicicleta era um desejo muito forte, ficava toda maravilhada quando pegava carona na garupa de alguém e desejava muito eu mesma pilotar minha própria bicicleta. Não

podia, pois ainda não era chegada a época em que por consentimento de todos e direcionado por

16

um adulto, tínhamos aulas como sempre acontecia com meus irmãos que já estavam em idade e altura suficiente para a prática. Porém, um dia, quando estava saindo no terreiro, local da frente de casa como costumávamos falar, vi o meu irmão de número 14, o Marcos pegando uma das bicicletas sem permissão. Esse era “virado no mói de coentro” como a cultura popular costumava dizer de quem era muito sapeca. Pegou a bicicleta e para que ninguém o visse, ele foi muito estratégico, pois foi exatamente logo após o almoço que o povo que iam trabalhar e pra escola já tinham se evadido e minha mãe e os demais costumavam tirar aquela soneca para descansar um pouco as pestanas. e, para que eu não contasse a ninguém, ele prometeu que me ensinaria também. Oras, jamais iria contar para alguém que meu irmão estava pegando a bicicleta sem autorização mais a sua oferta me foi interessante e assim combinamos. Ele segurava a bicicleta enquanto eu andava e eu seguraria para ele só que apesar de eu ser um anos mais velha que ele, não conseguia segurá-lo e ele acabava andando sozinho e, todos os dias era a mesma coisa logo após a calmaria do dia e foi assim que aprendi a andar de bicicleta.

Essa tradição da farinhada se perpetua até hoje. A última edição foi em julho de 2021 que toda a família nos reunimos para fazer farinha e seus derivados.

Todos os anos, no mês de dezembro, começava as comemorações da folia de reis.

Meu pai é natural de Boa Hora, município de São João da Barra, cidade do interior do Piauí e, lá a cultura de reis é muito forte principalmente entre os familiares de meu pai.

Meu pai casou-se com minha mãe no dia primeiro de novembro de 1953, já desgarrado da casa de seu pai foi trabalhar como vaqueiro no povoado em que minha mãe morava, o Canto do Periquito. Após o casamento resolveu permanecer e como gostava muito do reisado, não quis deixar a cultura desaparecer de sua vida porque, embora todos os anos seus familiares festejaram na Boa Hora, sua cidade natal, nem sempre ele conseguia ir, principalmente depois que os primeiros filhos nasceram. O transporte era muito difícil, tinha que ir a cavalo e levar as crianças dentro de um jacá acoplado à sela do cavalo. Era uma viagem muito difícil então, das vezes que ia, era sozinho.

Meu pai passou a tirar o reisado lá mesmo no Canto do Periquito e acabou colocando um costume que nem era da região mais as pessoas gostavam.

A culminância do reisado é no dia seis de janeiro e com certeza nossa casa ficava cheia de visitantes que vinham da cidade e, pelo menos por uma semana, a farra era grande.

Ainda hoje, os familiares do meu pai, que ainda moram na Boa Hora, tiram reisado. Já fui algumas vezes com meu esposo e filhas, mas, como moramos muito longe, nem sempre é possível.



Mudanças radicais são difíceis de aceitar mais quando elas veem sem aviso prévio é pior ainda. Esse é um relato de aprendizagem e adaptação do a quem doer.

O Senhor Antônio Marcos, homem honrado, amoroso e prestativo, num domingo na cidade, Campo Maior, que deveria ser festivo, foi um dos dias mais difíceis das nossas vidas. Como era de costume, pelo menos uma vez no mês, íamos à cidade no domingo para assistir a missa e visitar algum parente ou compadre.

Ao voltar para casa, já estávamos todos dentro do ônibus e o meu pai na frente conversando com um amigo que encontrara. Quando o ônibus fez uma parada ainda dentro da cidade, um sujeito saltou do ônibus e num gesto rápido puxou a carteira do amigo de meu pai e saltou do ônibus, este, já em movimento de saída mais ainda na primeira marcha, foi suficiente para o meu pai e o tal amigo pular e correr atrás do maledito em busca do bem furtado. O sujeito já bem adiantado, parou numa construção, pegou um tijolo e lançou em direção aos dois que corriam em seu encalço e por ironia do destino, o tijolo atingiu meu pai na cabeça na lateral esquerda, bem em cima do ouvido que já caiu desacordado e, tudo isso acompanhamos de dentro do ônibus que acabou parando por conta dos dois estarem fora.

Minha mãe coitada, ainda lembro do seu desespero. Não sabia se descia em socorro ao meu pai ou se amparava na filharada em prantos e pavorosos com o ocorrido. Como tinha irmãos maiores, ficamos em um comércio oferecido pelo proprietário enquanto ela acompanhava meu pai até o hospital que não ficava longe de onde estávamos.

Naquele dia, lembro-me que alguém veio nos pegar e ficamos na casa de um conhecido e meu pai foi levado para Teresina, a capital pois em Campo Maior não tinha recursos suficientes para atendimento adequado ao problema que ele tinha sofrido.

No dia seguinte, minha mãe organizou as coisas em casa dividindo as responsabilidades com os irmãos maiores e foi para a capital em busca de meu pai que já estava sendo acompanhado pelo irmão dela porque minha avó materna morava lá.

Foram dias longos e difíceis até receber as primeiras notícias do estado de saúde de meu pai, quando depois de muitos dias, não sei precisar exatamente quantos, minha mãe retorna

ao lar nos dando a notícia que, segundo as recomendações médicas, ele teria uma recuperação

18

difícil e demorada tanto que seria necessário nos mudar para a capital pois era só onde tinha tratamento para seu estado enfermo e assim minha mãe poderia acompanhá-lo e está com a família por perto.

Os familiares de minha mãe deram todo apoio quanto a nossa mudança do interior para a capital, mas não foi fácil. Vendemos todos os animais e tudo que era possível para fazer dinheiro e comprar uma casa em Teresina onde nos mudamos em seguida. Sempre tive sono leve e por noites a fio ouvia minha mãe chorar e aquilo me cortava o coração porque já sabia que não poderia ajudá-la. Durante um bom tempo meu pai ficou internado e em coma e, quando acordou, já morávamos em Teresina. Lembro-me do dia que ele retornou ao lar, e tivemos a triste notícia de que ele, pelo menos por enquanto, não reconhecia as pessoas e, ao chegar em casa, também não reconheceu os filhos. Foi muito triste ver ele nos olhar com indiferença. De vez em quando, ele chama um dos filhos e perguntava o nome e quantos anos tinha e sei que aquela situação doía mais nele do que em nós crianças.

Foi uma recuperação muito difícil pois além de não reconhecer as pessoas, ainda estava em um ambiente que nunca havia estado antes e muitas vezes, por recomendação médica, minha mãe fez viagens ao interior com meu pai com o intuito que ele recuperasse a memória.

Com o passar dos anos, ele lembrou-se de quase todo, porém, ficou com sequelas no labirinto, o equilíbrio comprometido por muito tempo, só andava com auxílio de alguém. Desenvolveu a síndrome do pânico, quando precisava ir ao médico, era muito sacrificante para todos porque ele simplesmente paralisava em locais públicos com muitas pessoas e não conseguia andar, tinha um medo muito grande de sair de casa e acredito que pra ele enfrentar tais situações era ainda mais dolorido.

Logo, a vida se mostrou dura. Passamos por inúmeras dificuldades; desde financeira, poucos alimentos e até limitação de espaço físico na nova casa em Teresina, que nessa época tinha em torno de uns onze a doze filhos morando numa casa de três quartos as custas de uma aposentadoria por invalidez, só a minha mãe considerada a melhor economista pode fazer render tão pouco para tantas bocas. Alguns dos meus irmãos já trabalhavam nessa época mais todos com suas necessidades e alguns já com família constituída que ficava difícil qualquer ajuda financeira e esta vinha porém, o mínimo possível. A família unida fez com que conseguíssemos superar as amarguras, diante de tanta dificuldade.

No campo, éramos livres e na cidade tínhamos que falar baixinho para não incomodar o vizinho porque as casas eram construídas conjugadas. Ficávamos naquele espaço reduzido para dormir, brincar, fazer atividades da escola, tudo era muito novo.

Da lavoura tínhamos: o milho que quando verde, fazia-se, cuscuz. Hummm que

delícia um cuscuz de milho verde, pamonha, canjica, bolos, curau, de milho seco também era

19

possível moer para fazer cuscuz e bolos, munguzá com linguiça de porco; A mandioca que dava a farinha, a goma para fazer bolos e beiju, bolinho frito, ainda da mandioca fazia-se a farinha de puba que pode-se fazer mingau, bolo, grolado. O feijão, Arroz, macaxeira que também pode cozinhar e comer tanto só como no feijão, bolo, bolinho de carne seca, mingau para crianças recém nascidas, etc; Ainda plantamos abóbora, quiabo, maxixe, melão, melancia; no quintal de casa tinha pé de caju, goiaba, manga, laranja, limão, siriguela, cajá, ata, umbu, e outras especiarias para chás: capim santo, cidreira, boldo, alecrim, hortelã; na horta encontrava: cebolinha, coentro, pimenta do reino, urucum, louro, couve, tomate, pimentão; Tínhamos sempre uma vaca leiteira, outros bovinos, suínos, caprinos, ovelhas, galinhas, marrecos, capotes, pavão, ovos e etc. ou seja, tudo que se plantava, dava e tínhamos épocas de colheitas onde meu pai enchia os paióis de alimentos para durar até a próxima colheita e o que não dava da terra, reservava-se uma parte onde era vendido na cidade para comprar os demais gêneros alimentícios e de higiene para consumo da família. Do couro dos animais era possível fazer tamboretas, chinélos, bolsas, capas para o trabalho, chapéu e até mesmo o rei da disciplina, o famoso chicote.

Após uma considerável melhora da sua condição enferma do meu pai e ao recobrar partes das memórias passadas, ele tinha muito desejo de voltar a morar no interior.

A escola também tem suas tradições, uma delas é a comemoração do dia Sete de Setembro de 1822, dia da Independência do Brasil, dia em que, às margens do rio Ipiranga, D. Pedro I deu o famoso grito “Independência ou morte!” No Brasil, o dia sete de setembro é comemorado com civismo e patriotismo. Tradicionalmente, todas as escolas costumavam preparar o desfile pelas ruas dos bairros e era um evento que envolvia toda a comunidade pois, era uma honra ser escolhida(o) para uma atividade representativa e de destaque no evento como no caso em algum ano ainda morando em Teresina no Piauí, fui selecionada para representar Brasília, capital do País, o Distrito Federal e por ironia do destino, hoje é aqui, em Brasília que mantenho residência.

Contudo, as tradições escolares estão se desvanecendo com o tempo e nem todas as escolas fazem o desfile de Sete de Setembro com seus alunos.

Devido à quantidade de crianças que minha mãe precisava cuidar, desde cedo já passava certas responsabilidades aos mais velhos e, no meu caso, uma missão era cuidar e orientar meus irmãos mais novos na escola de forma que, até para renovar matrícula ou qualquer outro problema envolvendo os meninos na escola, nem precisava chegar aos ouvidos de minha mãe pois eu mesma resolvia. Uma vez, a coordenadora disse que eu tinha muito pouca idade para me sentir responsável por todos aqueles meninos. Sei que ela só queria o meu bem, por isso falava mas todos tínhamos a consciência de que precisávamos ajudar uns aos outros e não tinha

jeito e era assim que as coisas prosseguiam.

20

Já mocinha, Sempre fiz parte da comunidade católica, desde muito cedo frequentava as missas com meus pais e logo aos 12 anos fiz a Primeira Eucaristia e já era sabido, após o sacramento da comunhão, todas as crianças entravam no grupo de perseverança, grupo para adolescentes. À partir dos 14 anos, iniciava-se os estudos do Crisma que ocorria aos 15 anos completos.

Também, como tradição da igreja, os jovens precisam ingressar em uma nova etapa de suas vidas, e após o Crisma, fiz a escolha de fazer parte da Catequese, grupo que prepara as crianças para o sacramento da primeira comunhão e, paralelo estava começando os estudos no grupo vocacional dirigido pela Ir. Josenira da Congregação das Filhas da Caridade de São Vicente de Paula, Ordem Religiosa que dava apoio a comunidade que participava. Esses encontros eram voltados a descobrir se a jovem possuía dons para seguir a vida religiosa e tínhamos várias atividades com os demais grupos da igreja como: a catequese que já fazia parte, o grupo de Jovens que minhas irmãs participavam, grupo do Batismo, do crisma, e grupo dos amigos dos excepcionais, como era nominado o grupo que dava apoio às pessoas com deficiências da comunidade que consistia em apanhar em suas casas e os levar a igreja para assistir a missas e demais atividades promovidas para esse grupo onde meu irmão número 14, Edilson era integrante para dar apoio às famílias. Porém, o que mais se destacou foi que em um evento, conheci o Paulinelly que fazia parte do grupo de jovens junto com minha irmã e, a partir de então passamos a namorar fato que não foi bem recebido pela Ir, Josenira porque ela disse que ele estava me desviando da vida religiosa porque segundo ela, eu seria uma freira se não o tivesse conhecido aos 16 anos. Porém, ficamos tão amigas que batizamos nossa primeira filha. Na Catequese, permaneci até casar e viajar com meu esposo para Porto Velho.





A foto acima é de uma das minhas turmas de catequizandos, da Primeira Eucaristia.

Durante a caminhada da vida e após algumas idas e vindas no início dos estudos, após iniciar o primeiro ano aos sete anos de idade, minha irmã me convidou para passar uma temporada em sua casa pois a mesma havia tido filho e um apoio nesse sentido seria ótimo pra ela só que já no final do mês de junho, ela não levou a transferência da escola e fiquei o resto do ano sem estudar. No início do ano seguinte ela fez minha matrícula iniciando a 1ª série e após oito meses, retorno para casa de meus pais dando mais um ano perdido porque mais uma vez minha irmã não pegou transferência da escola. No ano seguinte novamente e matriculada na 1ª série e após alguns meses minha irmã mais uma vez pede auxílio e minha mãe mais uma vez me pede para ajudá-la e a mesma história se repete mais uma vez outro ano escolar comprometido pois não tinham a iniciativa de pegar a transferência simplesmente abandonava-se a escola e, somente aos 11 anos de idade é que de fato dei continuidade e concluir o primeiro ano que foi na época em que mudamos para Teresina em decorrência do acidente ocorrido com meu pai. Daí em diante, segui os estudos sem interrupção talvez por morar na cidade e as coisas funcionarem diferente. E, quem me deu alguns incentivos e dicas sobre como proceder nos estudos foi minha professora mais que querida Franca, da 1ª série que me alertou para que se por acaso eu tivesse que mudar de cidade mais uma vez, era para entrar com o pedido de transferência na secretaria pois do jeito que as coisas estavam andando, não ia sair da 1ª série do primário. Professora, conselheira, amiga, um anjo em minha vida.

Após a conclusão do ensino fundamental em escola pública, e por causa da conjuntura política da época, em contexto de crises econômicas e conflitos sociais, faz-se necessário a luta por direitos, lutas de classes por melhores salários na educação culminando com intermináveis greves de professores chegando a dar por perdido todo um ano letivo. Para quem já sofreu com os atrasos nesse campo, a perda de um ano escolar é muito para recuperar. No ano seguinte, fiz a prova da Escola Técnica Federal do Piauí onde passei e lá concluí o curso Técnico em Administração. Simultaneamente, tentei cursar o Pedagógico, também curso Técnico para

professora concluindo o 1º ano mais por ficar muito puxado porque estudava nos dois turnos, acabei concluindo o curso de administração e trancando o Pedagógico.

22

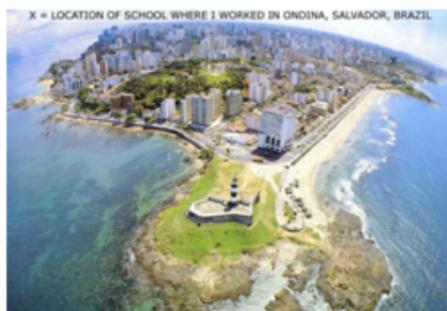
Fiz estágio Técnico na Empresa de Telecomunicações do Piauí – TELEPISA/AS e após o estágio fui classificada para trabalhar no CREA/PI Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura do Piauí que não durou muito e já casada, meu esposo por ser militar do Exército, foi transferido para Porto Velho e ao acompanhá-lo, estaria sem trabalho.

O Casamento em 1994

No dia 25 de novembro de 1994 nos consagramos no sacramento do matrimônio na Igreja de Santa Luzia no Bairro Promorar na cidade de Teresina, Piauí. Igreja onde congregava desde a vinda para Teresina. Lá também batizamos nossas duas filhas.



Em Porto Velho, após 3 anos e com uma filha com apenas 3 anos de idade, dei início aos estudos pré-vestibulares que após prestar o exame, passei no curso de Educação Física da Universidade de Rondônia - UNIR e, para ironia do destino, me descobri grávida da segunda filha e meu esposo mais uma vez transferido para a cidade de Salvador, Bahia. Não tive prejuízos, haja vista ter sido possível transferir o curso para a Universidade Federal da Bahia – UFBA, mas só iniciei 3 semestres mais tarde após o nascimento e passado o período de lactação da Andressa.



Para cursar a Faculdade de Educação Física, com duas crianças não foi fácil, tinha época que estávamos sem uma a pessoa que nos auxiliava nos cuidados com as meninas e tinha que levá-las comigo para a faculdade. E, outras vezes meu esposo as levavam para o seu trabalho principalmente em dias que tinha aula de anatomia pois ainda eram utilizados cadáveres humanos nas aula de anatomia na faculdade muito formol e outros produtos químicos no laboratório o que era proibido à entrada de crianças e, muitas vezes enfrentei o preconceito de todos os lados. O curso era composto quase que 90% dos alunos do sexo masculino, havia turmas que eu era a única mulher e nas modalidades esportivas, tinha que conviver com a indiferença de alguns porém, com o incentivo da maioria principalmente dos professores que me davam todo apoio principalmente quando tinha que levar as meninas para o ambiente da faculdade. Em época de provas, até brincavam com elas para que eu ficasse tranquila para realizar os trabalhos.



O percurso da aprendizagem (filhas contribuindo com os estudos da mamãe) e, logo a seguir, a foto que mostra a minha formatura em Educação Física.



Contudo, foi muito prazeroso e gratificante. Não fiz especialização e atuei como professora de educação física escolar somente no período de estágio, trabalhei com natação infantil e orientação em aulas de hidrogenástica.



Ao concluir o curso no primeiro semestre de 2009 em Salvador e, mais uma vez, meu esposo transferido para Brasília, decidi dedicar um pouco de mim às minhas filhas e acompanhá-las nos estudos.



No ano de 2015, prestei vestibular de segunda graduação para o Curso de Pedagogia na UnB – Universidade de Brasília e ao concluir dois semestres, meu esposo foi transferido para Franca, São Paulo e tranquei o curso por dois anos.

Ainda em São Paulo, trabalhei na supervisão escolar na área da Educação Especial. O trabalho era de supervisionar as escolas que tinham crianças com deficiências e os cuidadores dessas crianças pois lá no Estado de São Paulo, os Governos Estaduais e Municipais são obrigados por lei a pagar o cuidador para a criança com deficiência frequentar a escola regular através de empresas terceirizadas. Durante um ano e meio tive a oportunidade de aprender e estudar sobre a Educação Especial e suas nomenclaturas.

O trabalho incluía desde a contratação do cuidador, a supervisão se este estava atendendo as necessidades da criança, e a escola se estava empregando o recurso que recebia nas necessidades das crianças como: acessibilidade, higiene, alimentação, mobiliário, material didático etc.



No início do ano de 2018, meu esposo foi transferido novamente à Brasília, foi a oportunidade de reabrir o curso de pedagogia. A partir de então retornei às aulas e com o desejo de recuperar o tempo perdido, porém só desejo mesmo porque tempo, não se recupera jamais mais dar-se continuidade aos projetos engavetados.



Retornando a Faculdade de Educação, tive a oportunidade de participar de alguns projetos de extensão em comunidades do entorno de Brasília no campo da educação informal com crianças na faixa etária de 3 a 12 anos de idade, estágio em pedagogia por dois anos na Escola Madre Carmen Sallés, escola da rede privada de ensino de concepção religiosa. O estágio era na Educação Infantil e pude experimentar todas as fases desta etapa de ensino desde o cuidar e educar, através das disciplinas tive contato com a Educação de Jovens e Adultos no universo da EJA o que me deu base para atuar como profissional, entre outras experiências enriquecedoras do currículo.

Hoje, concluído a segunda graduação, meu esposo também está concluído a sua segunda graduação em letras na UnB que já tinha formação em direito também pela UFBA - Universidade Federal da Bahia, as nossas filhas seguem os exemplos. Ambas estão na UnB. Vanessa com 23 anos concluindo Ciências da Computação e Andressa com 18 anos entrou esse semestre 2022 1 para Direito também na UnB.

Um dos maiores incentivos percebido por meu pai foi que uma vez, perguntaram pra ele porque com tantos filhos ele fazia praticamente todo o trabalho sozinho enquanto mandava os filhos pra escola e ele respondeu que não queria ver seus filhos como ele, sem leitura, porque uma pessoa que não sabe ler é como uma bola num campo de futebol, as pessoas jogam para onde querem.

Depois de longos anos e após os filhos conseguirem estabilidade financeira, conseguimos comprar um sítio onde meu pai se realizava após anos de frustração por morar na cidade contra sua vontade. Montamos uma pequena estrutura com o que ele mais gostava. Fazíamos plantações e compramos animais, porém, não era sempre que ficava lá mas, quando os filhos podiam levar entre as folgas do trabalho ou fim de semana prolongado. Contudo, conseguimos lhe proporcionar o mínimo de felicidade em seus últimos dias em agradecimento ao todo que sempre se dedicou à família.

Meu pai faleceu em 4 de junho de 2018, faltando um mês para completar 90 (noventa) anos. Em 26 novembro de 2021 após 3 (três) anos e 6 (seis) meses do falecimento do meu pai, minha mãe também veio a óbito aos 84 (oitenta e quatro) anos. Juntos eles conviveram 65 (sessenta e cinco) anos casados. Ocorre que, como se diz na sabedoria popular, os casais após longos períodos de união, quando um deles falece, o outro não tarda a partir.

2. Educação Infantil

Na primeira etapa da educação básica que compreende o período de 0 a 5 anos e 11 meses, esta deve ser oferecida em creches de 0 a 3 e 11 meses e na pré-escola de 4 a 5 anos e 11 meses com a finalidade de desenvolvimento integral e por meio dos aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social sendo portanto uma complementação na escola das ações da família e da comunidade.

"Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação. Nessa direção, e para potencializar as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, a prática do diálogo e o compartilhamento de responsabilidades entre a instituição de Educação Infantil e a família são essenciais. Além disso, a instituição precisa conhecer e trabalhar com as culturas plurais, dialogando com a riqueza/diversidade cultural das famílias e da comunidade." (BNCC, 2018, p. 36)

2.1. Conceito de criança e infância

Segundo as DCNEI (2009): a criança é “Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura”.

A BNCC retrata a criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às

práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré-escola.

28

Conforme a concepção que se tem de criança seus conceitos variam dependendo do contexto em que essas crianças vivem e se desenvolvem.

Segundo os estudos de Michele Bredel (2013). Doutora em Educação da Universidade Federal Fluminense, se Para alguns é uma fase da vida onde reina a fantasia e a liberdade. Para outros, a infância é uma etapa da vida onde a criança é considerada um adulto em miniatura. Outros ainda segundo Michele, consideram a infância como uma fase em que a criança vai ser preparada para o futuro.

Para Postman (1999) *apud* Michele (2013), a ideia de infância passou por várias etapas, desde não ter uma palavra para defini-la até a descrição detalhada de suas características.

A autora ressalta que a evolução não atingiu apenas o conceito de infância e criança mais seus costumes, vestimentas, alimentação, brincadeiras e ocupações e como a sociedade está sempre em movimento, a vivência da infância muda conforme os paradigmas do contexto histórico.

Em seu trabalho de conclusão de doutorado, a autora faz um relato de algumas concepções de infância que seguem descritas assim: “A palavra infância evoca um período da vida humana. No limite da significação, o período da palavra inarticulada, o período que poderíamos chamar de construção/apropriação de um sistema pessoal de comunicação, de signos e sinais destinados a fazer-se ouvir. O vocábulo criança, por sua vez, indica uma realidade psicobiológica referenciada ao indivíduo. Segundo o Dicionário Aurélio por exemplo, criança, ser humano de pouca idade. No mesmo dicionário, a infância é definida como um período de crescimento, no ser humano, que vai do nascimento até a puberdade. Na sua origem etimológica, o termo “infância em latim” é *in-fans*, que significa sem linguagem. No interior da tradição filosófica ocidental, não ter linguagem significa não ter pensamento, não ter conhecimento, não ter racionalidade. Nesse sentido, a criança é focalizada como um ser menor, alguém a ser adestrado, a ser moralizado, a ser educado”.

No período compreendido entre as duas Grandes Guerras, Michele (2013), descreve o surgimento de uma dupla concepção de criança: *a criança da família e a criança pública*. Esta dupla concepção resultou e se afirmou das constatações relacionadas com a influência das contingências sociais e econômicas na qualidade da atenção dada às crianças. Ou seja, como se relacionar e como tratar essa criança com tantos percalços e mudanças que, segundo SOARES, (2001) *apud* Michele (2013), essas mudanças provocaram consequências negativas advindas dos períodos de guerra e pós-guerra condizentes com a situações em que as crianças eram privadas do contacto com os pais, por períodos indefinidos devido à sua evacuação de zonas de guerra, ou temporariamente no caso em que as mães precisavam trabalhar. Segundo Michele (2013), está

privação veio, por um lado, tornar visível a importância que os laços familiares, a vinculação,

29

têm no desenvolvimento da criança, e por outro lado, a organização de diferentes respostas a estes problemas atribuindo-lhe uma dimensão ou seja, tornar formal a necessidade de políticas públicas voltadas para as emergências da Infância.

Em relação à representatividade histórica das crianças, as concepções quanto a sua conceituação depende muito do contexto em estudo ou da área do conhecimento e interesses por trás da construção de uma concepção de criança e infância. Dessa forma, a autora complementa que a ideia de infância na atualidade não pode ser desvinculada da história, das diferentes visões em torno da criança que contribuíram para sua condição atual. Ou seja, o conceito de infância tem sido construído historicamente e reflete os valores presentes na sociedade em diferentes períodos Michele (2013).

Para tanto, se hoje há necessidades de se pensar em políticas públicas voltadas para a criança principalmente no contexto das instituições escolares que representam o ambiente formal de desenvolvimento das capacidades e habilidades que as crianças precisam aprender para serem considerados, seres que produzem, que fazem cultura, que pensa, brinca e se relaciona. Traçamos um pouco do contexto histórico e para esse trabalho bem superficial no que diz respeito ao contexto histórico do surgimento das instituições voltadas para atender o público infantil.

2.2. Concepções históricas da educação infantil

O entendimento de educação infantil é amplo e perpassa os muros da escola, pois a criança já traz para a escola o que ela vivencia em todo contexto social na família, na igreja, na comunidade e a escola cabe agregar todos esses saberes às propostas pedagógicas e ampliar seu universo de saberes possibilitando aquisição de novas habilidade e competências.

As instituições de Educação Infantil se constituem como local coletivo privilegiado para a vivência da infância. O termo “privilegiado” é utilizado, por ser espaço pensado com e para todos os atores sociais: crianças, meninos e meninas, pobres e ricos, negros, brancos e indígenas, brasileiros e estrangeiros, paulistanos e migrantes, sejam eles deficientes, com distúrbios globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação ou não REVISTA ASPAS (2013).

As primeiras propostas de instituições pré-escolares no Brasil ocorreram no ano de 1889, quando foi fundada a primeira Instituição de Proteção e Assistência à Infância, localizada no Rio de Janeiro. Ela foi pioneira na pré-escola brasileira. Neste mesmo ano, foi inaugurada a creche da Companhia de Fiação e Tecidos Corcovado (RJ), criada para acolher os filhos de operários. Os primeiros espaços destinados para o cuidado das crianças pequenas foram criados com uma visão de prestação de serviços, ou seja, um ato de caridade como afirma Oliveira

(2007) apud REVISTA ASPAS (2013).

30

Desde os mais remotos tempos na história da educação já se procurava diferenciar as classes sociais e não foi diferente na Educação Infantil. Em nosso país os primeiros jardins-de-infância foram privados. Construídos no ano de 1875 na cidade do Rio de Janeiro e em 1877 na cidade de São Paulo. E, mesmo as Instituições Públicas como os jardins-de-infância, eram destinados para a elite social brasileira, os quais possuíam um programa pedagógico para o desenvolvimento educativo das crianças Oliveira (2007) apud REVISTA ASPAS (2013).

A partir de então, outras instituições destinadas ao cuidado e proteção das crianças surgiram em sua maioria, o foco até o momento histórico destinava-se ao eixo Rio - São Paulo. Ainda que por interesses diversos, seja político ou ideológico entre estas últimas podemos citar: o Instituto de Proteção e Assistência à Infância (IPAI) em 1899, a Associação das Damas da Assistência à Infância fundada em 1908, com a finalidade de servir como apoio a IPAI, ambas na cidade do Rio de Janeiro. Na cidade do Rio de Janeiro, datado em 1908, foi inaugurada a creche Sra. Alfredo Pinto, atendendo os filhos das mães domésticas. Segundo Kuhlmann (1998) apud REVISTA ASPAS (2013).

Continuando nesse contexto histórico das Instituições de Educação Infantil e dos anseios dos trabalhadores das classes operárias, mais ou menos pela década de 20, surgem no Brasil movimentos de protesto e luta por direitos e melhores condições de moradia, de trabalho, de salários entre outros. Na tentativa de conter esses movimentos, a classe patronal resolveu ceder com a construção de vilas para trabalhadores, clubes de esportes e mais creches e escolas para os maternais. Essas construções ocorreram nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

Aliada ao surgimento de novas estruturas de educação infantil em 1922, também surgem as primeiras discussões sobre a regulamentação dessas instituições, era o Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância No debate das ideias foram abordados temas sobre a “educação moral, higiene e aprimoramento da raça e ainda da responsabilidade da mulher sobre os cuidados com as crianças. De acordo com os estudos de Kuhlmann Jr. 2000, Oliveira 2007 apud REVISTA ASPAS (2013), “levantamentos realizados em 1921 e 1924 apontavam-se um crescimento de 15 para 47 creches e de 15 para 42 jardins de infância em todo país.

A infância é uma das fases da vida do ser humano em que há mais possibilidades de transformações e desenvolvimento. Desse modo, é na educação infantil, que a criança precisa de maior atenção e de cuidados básicos como alimentação, higiene, proteção, exige olhar atento sem deixar de lado o educar. Por esses motivos o papel da professora está mais para cuidar do que educar não que não seja importante o cuidar mais com o número reduzido de profissionais por turma e do aumento do número de crianças na classe de educação infantil, o educar fica em

segundo plano principalmente nas instituições públicas chega a ser absurda. Com isso fica prejudicado o oferecimento de uma educação digna e de qualidade.

Historicamente, as crianças pequenas foram inseridas no contexto educacional pela necessidade de tipos de ideologias educacionais e interesses sociais diversos. Aqui, falarei de quatro desses interesses sociais e da criação das instituições educacionais voltadas para o cuidado e educação das crianças pequenas. (ARAÚJO, 2015, p. 74).

Primeiramente, a tradição assistencialista e filantrópica, configura o primeiro interesse de se ter um local próprio para as crianças pequenas fora do contexto familiar. Assumida na perspectiva da proteção das crianças pobres, órfãs e abandonadas à margem da sociedade é atribuída a responsabilidade às mulheres trabalhadoras nas fábricas, que, por sua vez, necessitavam de lugar onde deixassem seus filhos enquanto inseriram-se no mercado de trabalho. Nesse contexto, as instituições que abrigavam esses infantes eram os abrigos, os asilos da infância desvalida, os infantários e as primeiras creches. As creches, diga-se de passagem, eram sós para as classes mais altas da sociedade; A Inspiração Desenvolvimentista e a escola-novista, configura o segundo interesse na educação infantil. Promotora da concepção do centramento da educação infantil na criança, motivada pelo desenvolvimento da prática pedagógica a partir da ludicidade e da criatividade das crianças. A partir daí, ocorre a inserção dos jardins de infância, as casas de crianças, as escolas ao ar livre e etc.; O terceiro fator paradigmático da educação infantil ocorre pela pretensão instrucional que preparava as crianças para entrar na escola através de atividades de ensino aprendizagem e modelos de organização do trabalho pedagógico semelhante às rotinas que a criança encontraria quando chegasse à escola como: a forma de “transmissão do conhecimento” pelo professor, formas de avaliação, manuseio de apostilas e cartilhas, livros de fichas inserindo agora o modelo institucional da pré-escola; O quarto paradigma corresponde à orientação dos direitos da criança como configuradora da educação Infantil. Tem como finalidade a promoção da cidadania da infância. Nesse modelo surgem os jardins de infância ou escola infantil. (ARAÚJO, 2015, p. 74).

Em relação ao primeiro paradigma, de que a educação infantil se caracterizava apenas como forma de cuidar e dar assistências às crianças no que diz respeito à alimentação, higiene, proteger as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), contrapõe estabelecendo a indissociabilidade do binômio “cuidar e educar” tendo assim uma segurança de seus familiares nas instituições de educação infantil de que elas aprendem e se desenvolvem de forma responsável enquanto esses estão em seu pró labore.

As DCNEI definem que o currículo da educação infantil, seja como um conjunto de práticas que articulem os saberes do cotidiano com o patrimônio cultural, científico, artístico,

ambiental e tecnológico produzido e sistematizado historicamente com objetivos que promovem o desenvolvimento integral de bebês e crianças.

Segundo a BNCC, até a década de 1980, expressava-se o entendimento de que a Educação Infantil era uma etapa anterior, independente e preparatória para a escolarização, que só teria seu começo no Ensino Fundamental, ficando, portanto, à margem da educação formal até ser promulgada a Constituição Federal de 1988 que formaliza a Educação Infantil o direito de fazer parte integrante da Educação Nacional.

Falar de direitos é falar de lutas, projetos, práticas sociais, interesses coletivos. A educação tem sido um campo de luta pelos direitos das crianças. As instituições educacionais são de suma importância na vida das crianças, pois é nesse espaço que as crianças socializam, encontram seus pares, produzem e constroem identidade. Porém, esses direitos são velados e mascarados pela política educacional e por quem as elabora. A educação constituída há décadas tem como principais fatores as conformações políticas e elaboração de planos educacionais voltados para interesses e ideologias do capital onde os investimentos no âmbito da educação são feitos com viés para a obtenção do progresso econômico. Enquanto as políticas educacionais forem elaboradas pensando nessas vertentes e não no desenvolvimento integral e global das crianças e adolescentes, teremos ainda muitos retrocessos e estagnações no campo da educação.

2.3. A educação infantil nos documentos legais e atuais

No Brasil, contamos com um conjunto de documentos legais e oficiais que garantem os direitos das crianças à educação, pelo menos é o que dizem os documentos, mas, na prática ainda deixa muito a desejar. São os seguintes: Constituição Federal (1988), que diz que o atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade torna-se dever do Estado; Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA 1990), no seu artigo 54 diz que é dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente INC. I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria; Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 1996), a Educação Infantil até a idade de seis anos, passa a ser parte integrante da Educação Básica; modificação introduzida na LDB (2006), a Educação Infantil passa a atender a faixa etária de zero a cinco anos. Entretanto, embora reconhecida como direito de todas as crianças e dever do Estado, a Educação Infantil passa a ser obrigatória para as crianças de quatro e cinco anos apenas; modificações na LDB em 2013 (por Emenda Constitucional nº 59/200926) determina a obrigatoriedade de matrícula na Educação Básica dos quatro aos cinco anos; outros documentos formais garantem os direitos das crianças como:

quanto aos cinco anos, outros documentos formais garantem os direitos das crianças como: Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2005); Parâmetros Básicos de

33

Infra Estrutura para as Instituições e Educação Infantil (2006); Educação Infantil no Campo (2014); Brinquedos e Brincadeiras de creches (2012); entre outros.

Além dos documentos formais a educação infantil tem sido contemplada com ações e programas de políticas educacionais do Ministério da Educação, como: o Proinfância (2005) e (2007), o Programa Nacional Biblioteca da Escola/PNBE (2008), o Programa Merenda Escolar (2009) e o Apoio ao Transporte Escolar (2009).

A BNCC aborda entre outros direitos os de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil no que diz respeito ao: Conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se de acordo com suas competências e habilidades;

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 4º, garante os direitos da criança entre outros os de aprendizagem e desenvolvimento nas interações e brincadeiras;

Para tanto, é obrigatória a matrícula na Educação Infantil de crianças que completam 4 ou 5 anos até o dia 31 de março do ano em que ocorrer a matrícula e as crianças que completam 6 anos após o dia 31 de março devem ser matriculadas na Educação Infantil. A frequência na Educação Infantil não é pré-requisito para a matrícula no Ensino Fundamental. As vagas em creches e pré-escolas devem ser oferecidas próximas às residências das crianças. Para o tempo de permanência na instituição é considerada para a Educação Infantil em tempo parcial, a jornada de, no mínimo, quatro horas diárias e, em tempo integral, a jornada com duração igual ou superior a sete horas diárias, compreendendo o tempo total que a criança permanece na instituição. Quanto aos princípios estabelecidos nas DCNEI, prevalece os Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades; Os princípios Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática; Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais. Ainda segundo as DCNEI, A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças.

As concepções de aprendizagem das crianças são evidenciadas em qualquer contexto social em que estejam inseridas por meio das mais variadas experiências. Um desses contextos é a escola formal que possibilita processos mais elaborados por meio de propostas pedagógicas para o desenvolvimento integral.

Na escola uma das funções primordiais do professor é organizar o ambiente da sala de aula de forma a provocar o interesse das crianças pela atividade e levá-los a uma compreensão da realidade e a diferenciar o formal do informal, do que pode e o que não pode na escola.

As crianças são expostas em diversos contextos de linguagens e códigos principalmente na escola formando o conjunto de saberes necessários para o desenvolvimento de suas capacidades tanto cognitivas quanto afetivas. Essas linguagens são as artes, a matemática, a informática entre outras.

Quanto a linguagem artística, Vygotsky (2001) apud Kaiser (2017), já falava que tanto a música como a poesia, nasceram da necessidade de se propor um ambiente mais leve e descontraído por parte trabalhadores e artistas como os artesãos que tinha como objetivo de aliviar a tensão no trabalho coletivo, portanto a arte surge com características de fomentar a capacidade criativa e do pensamento aliado à diversidade de expressões principalmente na criança e adolescentes.

Segundo Vygotsky (2001)apud Kaiser (2017), os elementos artísticos, seu significado, são produzidos e transmitidos socialmente. Cada objeto de arte expressa a história e a cultura do artista e do homem de determinada época e que a arte seria um modo de integrar provocando um equilíbrio entre o cognitivo e o emocional, e que os sentimentos provocados pela arte, seja fazendo arte ou apreciando-a, superam os sentimentos comuns.

Sendo assim, para Vygotsky, (2001) apud Kaiser (2017), a criança é quem conduz o processo educativo, pois este parte do interesse e de sua necessidade em aprender.

3. Pedagogia

3.1. Porquê a pedagogia?

A docência é uma realidade que já fazia parte de toda minha trajetória de vida posso assim dizer, por que desde a infância até a atualidade tem sido a profissão que balizou toda a minha história. Que tenho de registro memoráveis, são os relatos de minha mãe, quando nos contava que seu pai era professor e por isso ela foi alfabetizada, pois do contrário, talvez nem tivesse conhecimento das letras, pois nasceu numa época e localidade que ainda não se tinha o costume de as mulheres frequentar as casas de lições.

As casas de lições eram as moradias dos professores. Os pais colocam seus filhos para aprender a ler e escrever por certo período de tempo onde com eles levavam o essencial para um mês, dois ou três ia depender de quanto tempo o pai voltaria para visitar e levar mais mantimentos como: dinheiro, alimentação (grãos, carnes secas, frutas etc.). Nesse contexto, minha mãe e suas duas irmãs se dividiam entre os afazeres domésticos e as aulas ministradas por meu avô, porém, tinham que lidar com a indiferença dos rapazes que ali estavam para aprender. Na concepção deles, o meu avô não poderia fazer aquilo, dar aulas para suas próprias filhas até mesmo porque a sociedade rural da época não permitia. Contudo, foi assim que quando adulta minha mãe se tornou professora da localidade em que morava porque era a única mulher letrada da região.

3.2. A pedagogia no século XXI

Em contraponto a essa forma de educação e do surgimento da figura do profissional de educação descrita acima, torna-se urgente falar da formação do profissional de crianças pequenas. Hoje, o pedagogo precisa estar atento e saber que é necessário ter conhecimento de uma série de questões que envolvem o educar e o cuidar de crianças pequenas. A formação de professores tem evoluído a partir de experiências do cotidiano escolar.

A Pedagogia para o século XXI exige profissionais bem preparados para enfrentar e lidar com questões complexas da nova ordem mundial. As pessoas aprendem de maneiras diferentes. Um dos desafios da pedagogia no século XXI é pensar novas abordagens que venham a contribuir ou incentivar novas habilidades e competências para contribuir com a autonomia e o pensamento crítico dos alunos evidenciando um novo modelo de aprendizagem.

Ajustar a educação aos novos modelos de aprendizagem requer dedicação do profissional e flexibilidade da escola assim como mais independência e autonomia dos alunos deixando-os mais responsáveis por sua aprendizagem que vai além da sala de aula. É uma forma de levar o aluno a aproveitar a enorme riqueza de conhecimentos que a humanidade acumulou. É dar-lhe maior importância e habilitá-los a buscar e usar as informações, estimular suas próprias capacidades e talentos, formar atitudes, oferecer instrumentos para que esses alunos busquem informações, compreendam e as utilizem possibilitando que aprendam sempre.

Segundo Tardif *apud* Ângelo (2020), o uso significativo de novas tecnologias em casa também pode aumentar as oportunidades de aprendizado e que os graduados bem treinados precisaram de uma compreensão mais profunda das ideias complexas e também de capacidades de trabalhar para gerar novas ideias, novas teorias, novos produtos e novos conhecimentos.

De acordo Bianchini *apud* Ângelo (2020), se torna urgente a mudança que os professores de pedagogia precisarão fazer frente aos novos interesses e as novas formas de desenvolvimento profissional.

Atualmente as crianças e adolescentes têm mostrado grande desinteresse pelos conteúdos que são oferecidos em sala de aula, integrantes da geração digital, onde as informações chegam de maneira relâmpago e muitas vezes sem qualidade e sem intencionalidade educativa, pedagógica, toma lugar do que realmente é importante acessar agregar conhecimento e aprendizagem que venha contribuir com o conteúdo da escola. Por isso o professor do século XXI segundo definitivamente não é mais aquele que “ensina”, mas um profissional que deve estar em constante busca por recursos para intermediar o aprendizado e despertar o interesse de seus alunos. Pensando a Educação como meio de transformação social, os professores são obrigados a assumir a responsabilidade dessas questões. Não que o professor deva ser responsabilizado pelo insucesso de seus alunos, mas ele deve contribuir para que a sociedade também veja que é responsabilidade de todos mudar esse retrato negativo dos estudantes.

Ultimamente a família tem transferido para a escola a educação “global” de seus filhos e ainda interferem em algumas questões em que os professores tentam adequar no ambiente de sala de aula como algumas regras a serem seguidas para o bom direcionamento do trabalho pedagógico e a criança se recusa a participar, é comum ouvir pais querendo que seus filhos fiquem à vontade e que só façam o que desejar como se a escola fosse um local unicamente de diversão e apenas com direitos sem a contrapartida dos deveres, Ou os professores precisam suprir as carências que as crianças deixam de ter em família.

Fica a reflexão que se os políticos vivenciassem os problemas educacionais e se colocando no lugar dos profissionais da Educação, talvez reformular “mudanças repentinas” que

simplesmente são impostas e imediatamente devem ser implantadas dentro de um contexto que

37

nem sempre as comporta ou que não condiz com a realidade da localidade educacional em questão.

A BNCC traz em sua carta, habilidades e competências que devem permear o universo da escola em todas as suas etapas de ensino. Para a Educação infantil, aborda entre outros direitos os de aprendizagem e desenvolvimento no que diz respeito ao: Conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se;

4. A arte e educação

4.1. Contexto histórico da arte no Brasil

Segundo os estudos baseados na teoria de Vygotsky, durante muito tempo, existiu o pensamento de que a educação na criança acontecia de forma fragmentada de outros contextos como o social, biológico, afetivo, motor e cognitivo. A família era vista como promotora do desenvolvimento afetivo e social, a escola como responsável pelo desenvolvimento cognitivo e, o motor não estava relacionado com nenhuma das abordagens sugeridas.

De acordo com Ângelo (2020), até boa parte do Século XX só era possível ver o interesse das instituições escolares pela arte, e sua abordagem em sala de aula apenas as técnicas de ensino do desenho, pois julgava-se que saber desenhar, era útil para uma formação técnica, lembrando que a educação moderna buscava formar indivíduos para o mercado de trabalho, portanto, a educação artística ficava em segundo plano, pois o mercado buscava por operários e não por artistas.

Ângelo (2020), na sua reflexão da arte na educação traça um contexto histórico através dos estudos de Araújo (2010), comentam que o ensino da arte no Brasil surgiu com as missões jesuítas. No entanto, como buscavam catequizar e pacificar os índios, a cultura indígena não tinha espaço nessa didática, apenas a cultura de base Greco-romana, na forma de músicas, danças, peças teatrais e poesia. E que as origens da arte e do homem se confundem, pois as primeiras expressões artísticas de que se tem notícia remontam à pré-história, ressaltando que nesse período o homem já sentia a necessidade de se expressar e registrar fatos de seu cotidiano através de registros em pedras dos rituais de caçadas a animais. E partindo dessas considerações afirma que a arte é uma linguagem eminentemente simbólica, por meio da qual é possível comunicar significados relativos à presença do homem na terra. “Ela ajuda no desenvolvimento total do indivíduo, fomentando a imaginação e contribuindo para uma formação mais ampla”. (ARAÚJO, 2010, p.12 apud Ângelo, 2020).

4.2. A Arte na educação infantil

A ideia de trabalhar a temática da Arte na Educação Infantil nasceu quando cursei a disciplina Oficina Vivencial durante o período de construção do Memorial Formativo na graduação.

Os estudos de Ângelo (2020) acerca dos conhecimentos de Dewey refletem a

Os estudos de Angelo (2020), acerca dos conhecimentos de Dewey, reforça a importância de estimular as crianças na construção dos conhecimentos artísticos, que a criança

39

tenha uma formação integral e através dos conhecimentos e estudos das artes na educação infantil num contexto de formação que contemple cada criança em suas individualidades para que possam contribuir positivamente na sociedade como um todo levando em consideração inclusive, suas experiências e dimensões mentais e emocionais visto que, historicamente a escola tinha como objetivo fundamental o desenvolvimento pautado nos aspectos voltados para a inserção dos indivíduos no mercado de trabalho sem levar em conta sua subjetividade através de processos seletivos excludentes.

Barbosa (2010), referência os estudos do norte americano Dewey por seu pensamento educacional renovando e denominando de Escola Progressista, sobretudo, tendo a Pedagogia como umas das áreas do conhecimento e objeto de estudo estudos estabelecendo perspectivas transdisciplinares para o ensino da arte.

A música é um dos tipos de arte mais acessado pela educação infantil, A criança já nasce musical. Nas creches, para todas as horas e atividades tem uma música para acompanhar. É a música de chegada, hora do brincar, do momento do lanche, quando vai para o banho, na recreação, fim da brincadeira, juntar os brinquedos e a hora de ir embora.

Segundo Costa apud Angelo (2020), ensinar arte para crianças implica na necessidade de dominar um conjunto maior de conhecimentos e compreensões psicológicas acerca dos anseios das crianças por parte do professor; mais do que conhecimentos técnicos no âmbito da pedagogia. Portanto, defende que o melhor professor de arte seria aquele artista que soubesse equilibrar compreensão das mazelas humanas e desejo de contribuir para o desenvolvimento de crianças e jovens.

Qualquer que seja a intervenção pedagógica deve-se levar em consideração o contexto sociocultural que permeia as vidas de seus alunos, o que significa que o professor deve ser capaz de extrapolar os limites das diretrizes curriculares. Ou seja, para Angelo (2020), além de saber arte, os professores devem saber aplicar conhecimentos de arte na educação escolar com foco no contexto sociocultural dos alunos, direcionando-os em suas potencialidades. Desse modo, Angelo acredita que a escola deve ser o local onde a criança aprende a fazer uma leitura mais profunda das expressões artísticas, entendendo outras formas de artes e não ficando restrito ao somente o que é vinculado formalmente nos livros e na televisão, a criança precisa reconhecer principalmente a arte inserida em seu contexto social a de rua, a exemplo de que muitos a consideram que seja arte o paisagismo, o grafite, a dança, as cantorias, os cartuns, o teatro de rua, etc., ou seja, considerando a relação destas com o contexto artístico em que se encontra.

Conforme desenvolve seu trabalho de pesquisa acerca da arte, Angelo (2020) faz

referência a vários estudiosos do gênero arte na educação como Silva e Abraão (2019) que

40

contribuem com a história antropológica da arte de que é possível definir como arte todas as expressões artísticas e culturais por meio das quais os indivíduos compreendem melhor o mundo e a si mesmos. E, enquanto área do conhecimento defendem que a arte se relaciona com a cultura na forma de esculturas e pinturas, e dão como exemplo a arte como fenômeno essencialmente humano, pois este muitas vezes faz uso da arte para expressar por meio de símbolos o que não consegue expressar através de palavras, algo que pode ser feito por meio da literatura, dança, música, teatro, arquitetura, fotografia e desenho,

As manifestações das artes nas escolas e na educação infantil se deram principalmente nas datas comemorativas. No dia do Índio, dia dos pais, dia das mães, páscoa, o dia da árvore configurando, são manifestações mecânicas sempre embaladas com uma música de fundo mais que não representa muito significado porque não tem uma intencionalidade. Dessa maneira não há transformação simbólica em seu desenvolvimento.

Para que a arte seja compreendida como forma de desenvolvimento no ser humano, ela precisa provocar ter significado na produção despertando a criatividade humana através do simbólico-emocional, expressa valores e processos subjetivos permitindo o desenvolvimento subjetivo da criança nas experiências e relações sociais e culturais que vivenciam.

Isso ocorre, na manifestação do teatro, como Ângelo (2020), ressalta que “mais importante do que o resultado é o processo, no qual as crianças discutem sobre os textos que devem ser abordados, quem se encaixa melhor em que papel, como devem ser as fantasias, a etapa de decorar os roteiros e a realização da peça propriamente dita”. E, após a atuação, tem a reflexão do que foi aprendido e o que se queria passar com a peça teatral.

Segundo o trabalho de Ângelo (2020), que foi definido pelo Parâmetro Curricular de Arte, a Educação Artística deve capacitar o jovem a desenvolver seu pensamento artístico e percepção estética, o que por consequência irá influenciar na maneira que este jovem irá ordenar e dar sentido a sua vida.

Na Educação Infantil as crianças poderão desenvolver sua competência estética e artística nas diversas modalidades da área de Arte (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), tanto para produzir trabalhos pessoais e grupais quanto para que possa, progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e julgar os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade. Tais modalidades estabelecem critérios com o intuito de promover a formação artística e estética do aluno e a sua participação na sociedade. (SILVA; ABRÃO, 2019, p.6 *apud* Barbosa, 2010).

5. Arte na BNCC

Na educação infantil, não se fala em ensino de arte, mas esses componentes estão dentro dos campos de experiências da Base Nacional Comum Curricular. São eles:

1. EO - O eu, o outro e nós
2. CG - Corpo, gestos e movimentos
3. TS - Traços, sons, cores e formas
4. EF - Escuta, fala, pensamento e imaginação
5. ET - Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações

5.1. Organização da Didática de Aprendizagem em Artes

A seguir, dos estudos de Ângelo (2020) aponta no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) uma série de parâmetros por meio dos quais é possível organizar a didática de aprendizagem em arte, com foco na faixa etária entre zero a três anos e de quatro a seis, como se segue a transcrição da legislação:

De zero a três anos de idade: existe a possibilidade de “ampliar o conhecimento de mundo que possuem, manipulando diferentes objetos e materiais, explorando suas características, propriedades e possibilidades de manuseio e entrando em contato com formas diversas de expressão artística;”

De “utilizar diversos materiais gráficos e plásticos sobre diferentes superfícies para ampliar suas possibilidades de expressão e comunicação.” (ARAÚJO, 2010, p.32).

De quatro a seis anos de idade: “Interessar-se pelas próprias produções, pelas de outras crianças e pelas diversas obras artísticas (regionais, nacionais ou internacionais) com as quais entrem em contato, ampliando seu conhecimento do mundo e da cultura;”

“Produzir trabalhos de arte, utilizando a linguagem do desenho, da pintura, da modelagem, da colagem, da construção, desenvolvendo o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de produção e criação.” (ARAÚJO, 2010, p.32).

De outra forma, e ainda referenciando o trabalho desenvolvido por Ângelo (2020) sobre a arte na educação infantil, Martins apud Ângelo (2020), ensinar a Arte significa articular três campos conceituais: a criação, a percepção e o conhecimento da produção artístico-estética da humanidade. *“Assim, a arte é articulada ao fazer arte, o apreciar arte e o refletir sobre a arte, e a reflexão, se interliga com a contextualização”*.

5.2 Fatores que contribuem para o desenvolvimento de criança no ensino de arte segundo a BNCC

O texto abaixo foi extraído da Base Nacional Comum Curricular. Ele enumera os fatores e benefícios que a arte provoca no desenvolvimento das crianças pequenas na Educação Infantil. Considerando um apoio e facilitador do trabalho do profissional da Pedagogia, é importante conhecê-lo na íntegra.

- Estudos mostram que as crianças que realizam produções nas quais se expressam leem melhor desenvolvem mais competências na matemática e nas ciências.
- Crianças aprendem através dos sentidos e Arte é um excelente instrumento.
- A expressão deve fazer parte da Educação.
- Arte desenvolve a identidade e a autoestima.
- Arte favorece a consciência do ambiente físico.
- A arte desenvolve a coordenação mão-olho, sons-ritmos-movimentos, criatividade-inventividade-faz de conta.
- Arte melhora o desenvolvimento das percepções;
- Arte ensina às crianças que pode existir mais do que uma solução para o mesmo problema;
- Arte provoca as crianças a se envolverem em resolução criativa de problemas;
- Quando a Arte é integrada a outras áreas do conhecimento, torna os conteúdos mais desafiadores e atraentes, contribuindo no processo de aprendizagem;
- O processo de experimentar e vivenciar a Arte apresenta à criança possibilidades, descobertas e liberdade;
- Arte resgata os recursos culturais da comunidade, criando história e despertando sentimento de pertencimento;
- Arte envolve diversos atores em torno de seus projetos: crianças, professores, pais, responsáveis pela gestão das escolas e a comunidade;
- Arte propicia um meio, um terreno comum, para aprender sobre si, os outros e o mundo, trabalhando estereótipos, barreiras e preconceitos;

- Professores formados (ou auto formados!) em Artes tem sensibilidade, pensamento aberto para pesquisa e experimentação, desenvolvendo uma cultura de perguntas no lugar de respostas;
- Arte é alimento da alma humana.

O texto da Base (BNCC) traz algumas indicações ao descrever os direitos de aprendizagem das crianças no campo de experiências com as artes, dessa forma é importante transcrevê-las aqui para um maior entendimento desses direitos quando da elaboração de planos de intervenção na sala de aula. São os seguintes:

- Fazer produções com as linguagens artísticas (música, dança, artes visuais e jogos dramáticos);
- Valorizar as produções das outras crianças (além das próprias!);
- Desfrutar (fruir) as manifestações culturais locais e de diferentes culturas, desenvolvendo respeito à diversidade;
- Brincar com diferentes sons, ritmos, formas, cores, texturas, materiais não estruturados, imagens, trajes e adereços e, com eles, desenvolver o faz de conta;
- Combinar o uso de materiais e tecnologias para recriar manifestações culturais;
- Participar da organização de passeios;
- Participar da organização, escolha de materiais e produção de eventos, festas, decoração de ambientes e exposição de trabalhos;
- Utilizar diferentes linguagens para possibilitar o contato com manifestações do patrimônio cultural, artístico e tecnológico;
- Por meio das linguagens artísticas, comunicar com liberdade, criatividade e responsabilidade, os sentimentos e ideias;
- Experimentar o contato criativo e prazeroso de manifestações artísticas e culturais, locais e de outras comunidades;
- Conhecer-se, por meio do contato com a cultura, desenvolvendo a sensibilidade, criatividade, gosto pessoal e seu jeito singular de se expressar.

6. Proposta Pedagógica

O trabalho pedagógico através da arte musical possibilita que os pequenos explorem o espaço reconhecendo-se e reconhecendo o lugar e o lugar do outro, ao mesmo tempo que auxilia no desenvolvimento da coordenação motora, além de ser uma grande aliada na aquisição da fala, reconhece sons, desenvolve o pensamento e a imaginação promovendo relações entre seus pares, professores e familiares entre outras características.

O planejamento da aula é de suma importância para o sucesso da abordagem pedagógica. É nesse momento que o(a) professor(a) refletirá sua ação no contexto escolar levando em consideração o espaço, os materiais a serem utilizados, a faixa etária que vai receber a atividade, o tempo, a necessidade de cada criança a dedicação, a avaliação etc.

Para auxiliar o(a) professor(a) na construção do plano de aula, a BNCC elenca os saberes necessários que estão divididos na sequência abaixo da seguinte forma: os primeiros pares de letras, representa a etapa da educação, o primeiro par de número indica o grupo por faixa etária de idade, o segundo par de letras indica o campo de experiências e o último par de números indica a posição da habilidade na numeração sequencial do campo de experiências para cada grupo/faixa etária.



6.1 Aula I

ESCOLA	TURMA	PROFESSORA	DATA
Raio de Sol	Arco-íris	Veronica	11/04/2022
EIXOS NORTEADORES: Linguagem oral			
DIREITOS DE APRENDIZAGEM			
CONVIVER() BRINCAR() PARTICIPAR () EXPLORAR() EXPRESSAR () CONHECER-SE(x)			
CAMPO DE EXPERIÊNCIA			
O EU O OUTRO E O NÓS () CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS ()		TRAÇOS, SONS, CORES	
E FORMAS () ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO (x)		ESPAÇOS, TEMPOS,	
QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES ()			
ROTINA:			
OBJETIVOS E DESENVOLVIMENTO DE APRENDIZAGEM	EXPERIÊNCIAS PROPOSTAS/VIVÊNCIAS	ESPAÇO	
Reconhecer quando é chamado por seu nome e reconhecer os nomes de pessoas com quem convive.	(EI01EF01) Reconhecer a si mesmo quando chamado pelo nome e aos colegas em fotos, no convívio e no contato direto. Dinâmica: Fala os nomes de todos em voz alta para que as crianças percebam seu nome e o nome dos colegas, depois pedir para que elas identifiquem o colega quando chamado pelo nome indo até a foto fixada na parede; explorando as características dos alunos para que esses percebam as diferenças.	Sala de aula	
		RECURSOS MATERIAIS	
		Fotos das crianças, fita adesiva,	
AVALIAÇÃO: A avaliação será realizada conforme a observação, participação e o desenvolvimento de cada aluno mediante as atividades propostas pelo educador.			

6.2 Aula II

ESCOLA	TURMA	PROFESSORA	DATA
Raio de Sol	Arco-íris	Veronica	12/04/2022
EIXOS NORTEADORES: Movimento/Música			
DIREITOS DE APRENDIZAGEM			
CONVIVER() BRINCAR() PARTICIPAR () EXPLORAR() EXPRESSAR (x) CONHECER-SE()			
CAMPO DE EXPERIÊNCIA			
O EU O OUTRO E O NÓS () CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS (x)		TRAÇOS, SONS, CORES	
E FORMAS () ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO ()		ESPAÇOS, TEMPOS,	
QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES ()			
ROTINA:			
OBJETIVOS E DESENVOLVIMENTO DE APRENDIZAGEM	EXPERIÊNCIAS PROPOSTAS/VIVÊNCIAS	ESPAÇO	
Linguagem musical, corporal e dramática; Música, danças, gestos e ritmo.	(EI02CG03) Conhecer e reconhecer sons de diferentes animais por meio de reprodução de áudios. Perceber o som de diferentes fontes sonoras presentes no dia a dia: buzinas, despertador, toque do telefone, sino, apito, dentre outros; sons de diferentes animais. Dinâmica: movimentar-se pelo espaço da sala ao som da música “Marcha soldado”. Quando a música parar, usar a dinâmica da estátua. Nesse momento, pedir que as estátuas (crianças) façam caras tristes, alegres, emitem sons e gestos de animais.	Sala de aula	
		RECURSOS MATERIAIS	
		Apito, telefone, despertador, som de buzina, sinos e animais reproduzidos por aparelho sonoro.	

AVALIAÇÃO: A avaliação será realizada conforme a observação, participação e o desenvolvimento de cada aluno mediante as atividades propostas pelo educador.

46

6.3 Aula III

ESCOLA	TURMA	PROFESSORA	DATA
Raio de Sol	Arco-íris	Veronica	13/04/2022
EIXOS NORTEADORES: Música			
DIREITOS DE APRENDIZAGEM			
CONVIVER() BRINCAR() PARTICIPAR (x) EXPLORAR() EXPRESSAR () CONHECER-SE()			
CAMPO DE EXPERIÊNCIA			
O EU O OUTRO E O NÓS () CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS () TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS (x) ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO () ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES ()			
ROTINA:			
OBJETIVOS E DESENVOLVIMENTO DE APRENDIZAGEM	EXPERIÊNCIAS PROPOSTAS/VIVÊNCIAS	ESPAÇO	
(EI03TS02) Linguagem sonora. Percepção auditiva. Parâmetros do som: altura, intensidade, duração e timbre. Melodia e ritmo.	Explorar diferentes fontes sonoras e materiais para acompanhar brincadeiras cantadas; produzir sons extraídos da confecção de brinquedos com materiais recicláveis; Dinâmica: confeccionar um chocalho com mini garrafas pets e sementes (feijão, arroz, milho), envolver as garrafas com fitas adesivas coloridas, cantar melodias e acompanhar com o chocalho de acordo com o ritmo.	Sala de aula	
		RECURSOS MATERIAIS	
		Mini garrafas pet, fita adesiva de diversas cores, sementes variadas (feijão, arroz, milho e etc).	
AVALIAÇÃO: A avaliação será realizada conforme a observação, participação e o desenvolvimento de cada aluno mediante as atividades propostas pelo educador.			

6.4 Aula IV

ESCOLA	TURMA	PROFESSORA	DATA
Raio de Sol	Arco-íris	Veronica	14/04/2022
EIXOS NORTEADORES: Natureza e Sociedade			
DIREITOS DE APRENDIZAGEM			
CONVIVER(x) BRINCAR() PARTICIPAR () EXPLORAR() EXPRESSAR () CONHECER-SE()			
CAMPO DE EXPERIÊNCIA			
O EU O OUTRO E O NÓS (x) CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS () TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS () ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO () ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES ()			
ROTINA:			
OBJETIVOS E DESENVOLVIMENTO DE APRENDIZAGEM	EXPERIÊNCIAS PROPOSTAS/VIVÊNCIAS	ESPAÇO	
(EI01EO03) Valores e atitudes para a vida em sociedade. Família e pessoas do convívio social. Comunicação oral e corporal.	Interagir com crianças da mesma faixa etária e adultos ao explorar espaços, materiais, objetos, brinquedos; conhecer e relacionar-se com as crianças e profissionais da instituição; Explorar materiais diversos como: caixas, bolas, chocalhos, chapéus, óculos, painéis, brinquedos, instrumentos musicais e outros, em situações de interação social. Perceber por meio dos sentidos os atributos dos objetos, brincando entre pares; Experienciar coletivamente objetos que estimulam a percepção	Pátio da escola	
		RECURSOS MATERIAIS	
		Caixas, bolas, chocalhos, chapéus, óculos, painéis, brinquedos, instrumentos musicais e brinquedos sonoros, bambolês e	

	visual, tati e sonora.	outros
--	------------------------	--------

47

	Dinâmica: Deixar as crianças livremente no pátio da escola com vários objetos e brinquedos para que possam explorar e dividir coletivamente as brincadeira ora sozinhos, ora com a orientação da professora.	
AVALIAÇÃO: A avaliação será realizada conforme a observação, participação e o desenvolvimento de cada aluno mediante as atividades propostas pelo educador.		

6.5 Aula V

ESCOLA Raio de Sol	TURMA Arco-íris	PROFESSORA Veronica	DATA 15/04/2022
EIXOS NORTEADORES: Artes Visuais			
DIREITOS DE APRENDIZAGEM			
CONVIVER() BRINCAR() PARTICIPAR () EXPLORAR() EXPRESSAR () CONHECER-SE()			
CAMPO DE EXPERIÊNCIA			
O EU O OUTRO E O NÓS ()		TRAÇOS, SONS, CORES	
E FORMAS () ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO ()		ESPAÇOS, TEMPOS,	
QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES (x)			
ROTINA:			
OBJETIVOS E DESENVOLVIMENTO DE APRENDIZAGEM	EXPERIÊNCIAS PROPOSTAS/VIVÊNCIAS	ESPAÇO	
(EI03ET05) Instrumentos para observação e experimentação. Diferenças e semelhanças entre cores, transformação das cores.	Manipular materiais diversos e variados para comparar as diferenças e semelhanças entre eles; Participar de situações que envolvam a resolução de problemas (superar desafios, passar por obstáculos e outras); Ajudar a organizar brinquedos e outros objetos nos seus respectivos espaços. Dinâmica: com o uso de tinta guache, pincel e recipientes descartáveis, misturar as cores primárias, amarelo, o azul e o vermelho para transformá-las em cores secundárias como: amarelo + vermelho = laranja; vermelho + azul = roxo ou lilás e azul + amarelo = verde. Ao observar a transformação das cores, as crianças ficaram maravilhadas.	Sala de aula	
		RECURSOS MATERIAIS Tinta guache nas cores: vermelho, amarelo e azul; pincel, copos descartáveis,	
AVALIAÇÃO: A avaliação será realizada conforme a observação, participação e o desenvolvimento de cada aluno mediante as atividades propostas pelo educador.			

Conclusão

A ideia de trabalhar as linguagens artísticas com as crianças pequenas, bem como, mediar com elas às brincadeiras com diferentes sons, ritmos, formas, cores, texturas, materiais plásticos e não estruturados, imagens, trajes e adereços, combinar o uso de materiais e tecnologias, além de promover o contato criativo com a cultura, são os pilares de todo esse campo de experiências. Consoante a isto, também são aspectos importantes a serem analisados na educação infantil e que nem sempre contam com uma formação específica do professor.

Na verdade, a importância do desenvolvimento desse campo de experiências se resente de uma desvalorização no âmbito dos cursos de pedagogia, restando ao professor buscar individualmente aplicar-se nos estudos, nas pesquisas e na experimentação das linguagens da Arte com as crianças pequenas, buscando envolvê-las com a cultura em proveito do contexto e do ambiente cultural em que vivem.

Nesse sentido, torna-se providencial a visita a museus, a escuta de repertório de estilos e gêneros musicais diversificados, a ida a teatros, ajudam a construir e a complementar a formação humanística, a partir da sensibilidade apurada do profissional de educação.

Percebe-se também que as crianças trazem consigo uma sensibilidade graças a conhecimentos adquiridos nos mais diversos espaços sociais, trazendo-os para o ambiente escolar. A ideia de utilizar a música para o desenvolvimento integral das crianças se torna viável à medida que complementada pelo uso da expressão corporal e das linguagens, sendo grandes aliados do processo de ensino aprendizagem.

Por fim, entre os possíveis resultados após o desenvolvimento das atividades musicais é possível deparar-se com a maior interação entre os alunos, com a ampliação do espírito de socialização, com a busca pelo autoconhecimento do eu e do outro, sem olvidar do momento de descontração promovido às crianças pequenas, numa atividade onde a arte musical é a matriz de toda a ação pedagógica.

Perspectivas futuras

Concluindo, a trajetória de formação educacional desde a educação de base até a vida acadêmica foi de muita luta e persistência. Desde o princípio envolvida no contexto familiar acabei por deixar a educação em segundo plano. A conclusão do ensino superior, mesmo que a segunda graduação representa uma grande vitória devido às idas e vindas que a vida apresentou em determinadas épocas. Assim, pensar num futuro nesse momento é muito animador, tendo em vista que passei no concurso para professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal, que mesmo sendo em caráter temporário, já me sinto motivada a exercer a profissão. Ocorre que ainda não assumi porque preciso concluir a graduação em Pedagogia para a apresentação da documentação exigida a fim de exercer o cargo, considerando que fui classificada dentro das vagas de convocação. Ademais, já iniciei os estudos para o concurso de professora efetiva da mesma Secretaria de Educação, que de acordo com notícias veiculadas nos meios de comunicação, o edital que normatiza o concurso será divulgado em breve, ao tempo que a contratação deve ocorrer ainda neste ano de 2022.

A aprovação num concurso representa prosperidade e sucesso na profissão escolhida, não só para mim, mas para toda a família, ainda mais agora que as filhas já estão crescidas. Elas continuam a precisar de apoio, lógico, mas já não tem a mesma necessidade e dedicação de quando eram crianças, Assim posso me dedicar muito mais nos estudos e projetos futuros.

HOMENAGEM AO QUE MEUS PAIS MAIS AMAVAM

(A vida no campo)

Fotos de Raimunda Nonata e Antonio Marcos



Referências

ÂNGELO, Jamisson da Silva. **Reflexões da arte na educação infantil**. Revista científica multidisciplinar núcleo do conhecimento. Ano 5, Volume 11, p.23-36, São Paulo, 2020. Disponível em <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/pedagogia/reflexoes-da-arte>. Acesso em 2 Mar. 2022.

ARAÚJO, Vânia Carvalho (org) *et al.* **Educação Infantil em jornada de tempo integral: dilemas e perspectivas**. Ministério da Educação. Brasília, 2015.

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino de artes no Brasil**. São Paulo, Cortez, 2010.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR DA EI: BNCC (2017). Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 Mar. 2022.

BUOGO, Miriam e CASTRO, Gardênia de. **Memorial de formação: um dispositivo de aprendizagem reflexiva para o cuidado em saúde**. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 11 n. 2, p. 431-449, maio/ago. 2013. Disponível em <https://www.scielo.br/j/tes/a/kpNFGXDLvXBhKXHg67mc5MN/?lang=pt#>. Acesso em: 10 Abr. 2022.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo, Martins Fontes, 2010.

MICHELE G. B. de Castro. **Noção de criança e infância: Diálogos, Reflexões, Interlocuções**. Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2013. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem13pdf/sm13ss04_02.pdf

REVISTA ASPAS. **Teatro e Infância**. Volume 4, Número 2. São Paulo: USP, 2014 (número dedicado ao tema. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/aspas/issue/view/6824>. Acesso em 5 Mar. 2022.

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). **Currículo em Movimento da Educação Básica 2**. 2018. (CADERNO EI pp 22-26). Disponível em: https://www.educacao.df.gov.br/wpconteudo/uploads/2018/02/Curri%CC%81culo-em-Movimento-Ed-Infantil_19dez18.pdf, Acesso em: 10 Mar. 2022.

Site: **Tempo de Creche. Arte, Cultura, Expressão e a Base Comum Curricular**. Disponível em: <https://tempodecreche.com.br/espaco-de-coordenar/arte-cultura-expressao-e-a-base-comum-curricular>, Acesso em: 14 Mar. 2022

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. Anais eletrônicos da III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem/ III Encontro dos Programas de Mestrado Profissionais em Educação e Letras e XII Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul/MS, 2018.

Vídeo: **Conhecendo os instrumentos musicais**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bFExlBHYKfo>, Acesso em: 14 Mar. 2022.

IX PLENARINHA – Musicalidade das Infâncias: de cá, de lá, de todo lugar. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/FMfcgzGmvBmLfjtGmqwhNmhWFbhhhnGV?projector=1&messagePartId=0.2>. Acesso em: 12 Mar. 2022.

OLIVEIRA, M. E. de; STOLTZ, T. **Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky**. Educar, Curitiba, n. 36, p. 77-93, 2010. Editora UFPR.

KAISER, Patrícia Nunes. **Arte na educação infantil: o desenvolvimento infantil e a criança produtora de cultura**. Dissertação de Mestrado em Educação. Orientadora Cristina Massot Madeira Coelho, Universidade de Brasília (UnB). Brasília, DF, 2017. 164 p. Disponível:

https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/32167/1/2017_Patr%C3%ADciaNunesdeKaiser.pdf Acesso em: 12 Mar. 2022.